

A catáfora nos títulos de textos jornalísticos

Cataphora in titles of the journalistic texts

Maria José da Silva Fernandes*

RESUMO: Neste trabalho, apresentamos parte de resultados obtidos em pesquisa sobre a referenciação catafórica. Entre algumas constatações dessa pesquisa, está a de que a catáfora é utilizada nos títulos como estratégia para despertar a atenção do leitor, já que faz com que ele continue a leitura do texto. Neste artigo, apresentamos essa parte da análise, ou seja, o que se refere aos títulos de textos e, tendo em vista a grande ocorrência da catáfora, nessa parte dos textos jornalísticos, propomos que os títulos sejam analisados, no ensino de língua portuguesa, dentro de uma abordagem mais discursiva, e não apenas como parte da estrutura do gênero notícia (e de outros gêneros), como geralmente é feita em alguns livros didáticos (quando fazem). Embasamos nosso trabalho em Halliday & Hasan (1989), Coracini (1988) Guimarães (2006), Koch & Elias (2010). Uma abordagem assim, como a que propomos, está amparada pelos CBCs e pelos PCNs, já que esses documentos recomendam que os alunos, ao longo de sua formação, devem construir habilidades e conhecimentos que os capacitem a refletir sobre os usos da língua(gem) nos textos, e ainda que devem ser orientados para compreender o funcionamento do texto.

PALAVRAS-CHAVE: Títulos. Catáfora. Referenciação.

ABSTRACT: In this paper we present part of the results from a study on cataphoric referenciation. Among some findings, we noted cataphora is used in titles as a strategy to catching the reader's attention and it makes the reader to continue the text reading. In this article, we present this part of the analysis, which refers to titles of the texts. In view of many occurrences of the cataphora in titles of the journalistic texts, we propose that the titles be analyzed, in Portuguese language teaching, within a more discursive approach, and not just as part of the structure of the news genre (and other genres), as it is usually done in some text books. We based our research in Halliday & Hasan (1989), Coracini (1988) Guimarães (2006), Koch & Elias (2010). We suggest that this approach is supported by the CBCs and PCNs. These documents recommend that throughout students education, they build skills and knowledge that enable them to reflect on the uses of language. In this sense, the analysis of the processes and strategies of meaning production, as well as resources to attract the reader's attention, cannot be excluded from the approaches in the classrooms.

KEYWORDS: Journalistic titles. Cataphora. Referenciation.

* A autora é Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

A pesquisa foi realizada no Curso Mestrado em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), sob orientação da Profª Dra. Luisa Helena Borges Finotti. Nessa pesquisa, analisamos a ocorrência da catáfora em 193 textos jornalísticos, extraídos do jornal Folha de São Paulo e Revista Veja. A Dissertação, A Referenciação catafórica: uma proposta de categorização e análise, foi defendida em 29.10.2010 e está disponível em <http://hdl.handle.net/123456789/2241>.

1. Introdução

Neste trabalho, apresentamos e discutimos parte dos resultados obtidos em pesquisa realizada no curso de Mestrado em estudos Linguísticos, sobre a catáfora. Entre outras constatações, verificamos, com essa pesquisa, que a catáfora é muito utilizada nos títulos de textos jornalísticos.

Tendo em vista o grande número dessas ocorrências, acreditamos que o uso da catáfora em títulos de textos pode ser tomado como objeto de análise e/ou estudo no ensino, já que, em nosso entendimento, é uma das estratégias utilizada pelo produtor do texto para despertar o interesse do leitor.

Neste trabalho, além de apresentarmos e discutirmos os dados da pesquisa, em relação aos títulos dos textos, apresentamos também uma proposta pedagógica que pode ser desenvolvida em sala de aula, com alunos do Ensino Médio, com o objetivo de possibilitar que eles reflitam sobre as estratégias habituais que os produtores de gêneros jornalísticos têm utilizado para desenvolver seus textos.

Esclarecemos que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) propõem a ampliação dos conhecimentos dos alunos para agirem em práticas letradas de prestígio. Em nosso entendimento, isso inclui, também, o trabalho sistemático com textos jornalísticos.

Também os Conteúdos Básicos Comuns (CBC)¹, que expressam os aspectos fundamentais de cada disciplina, indicando as habilidades e competências que o aluno não pode deixar de desenvolver, nas diretrizes para o ensino da Língua Portuguesa, abordam a importância de os conteúdos dos currículos e programas, assim como as práticas de ensino, serem escolhidos em função das competências e habilidades que devem ser adquiridas e desenvolvidas, em relação ao uso da língua e da reflexão sobre esse uso.

Esses documentos recomendam também que as práticas pedagógicas de compreensão e produção devem dar preferência a textos reais dos gêneros em circulação na sociedade. Assim, ao levarmos para sala de aula os textos publicados em jornais e revistas e analisarmos com os alunos os recursos utilizados pelos produtores, estamos garantindo que os estudantes tenham contato com uma diversidade de textos e possam expandir as possibilidades de uso da língua.

Em relação ao *corpus* da pesquisa, esclarecemos que é composto de 193 textos jornalísticos, extraídos do jornal *Folha de São Paulo* e da Revista *Veja*. Encontramos 80

¹ Proposta Curricular da Secretaria de Educação de Minas Gerais

ocorrências catafóricas nos títulos, 171 no corpo do texto e 9 nos subtítulos. Neste artigo, como já dissemos, enfocamos as ocorrências nos títulos dos textos.

O referencial teórico adotado nesse estudo são os pressupostos da Linguística Textual, especialmente os que se referem à coesão, Halliday & Hasan (1976), os estudos sobre os títulos de textos de Guimarães (2006) e Coracini (1988).

Acreditamos que este trabalho é relevante para nossa área de pesquisa, a Linguística Textual, visto que contribui para os estudos sobre a catáfora, especialmente em relação às ocorrências nos títulos de textos.

2. A catáfora

Iniciamos este item afirmando, segundo Halliday & Hasan, que as relações coesivas de um texto são importantes para promover textura e que “a coesão é afetada não apenas pela presença do referente, mas pela relação estabelecida entre esse referente e a forma remissiva.” (HALLIDAY & HASAN, 1976, p.2). Ou seja, a interpretação de um elemento do texto é dependente de outro, um pressupõe o outro no sentido que sua decodificação só é alcançada a partir dele.

Nesse sentido, se o referente vier após a forma remissiva, haverá o que os autores denominam de catáfora. Geralmente quando há catáfora, essa é assinalada na escrita com dois pontos – sinal de pontuação que objetiva unir duas partes da sentença em uma.

O dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) traz para a palavra catáfora, em relação aos estudos linguísticos, as seguintes informações:

Catáfora *s. f.* 1 GRAM LING uso de um termo ou locução ao final de uma frase para especificar o sentido de outro termo ou locução anteriormente expresso (p. ex.: *A noite resumiu-se nisto: comer, beber e conversar*) [No texto, tem função catafórica ger. o que se segue a uma pergunta, e tb. expressões como, *p. ex., isto é, ou seja, a saber etc.*, e, na escrita, o que vem após os dois-pontos.] [...] ETIM. gr. *kataphorá*, *âs* ‘ato de lançar de cima para baixo, donde queda, descida; ... prov. pelo lat. tar. *cataphora*; o voc. é us. em LING em contraste com *anáfora* e o emprego advém de noções como ‘levar adiante, para frente’; cp. ing. *cataphora* (1976) LING ‘id’, form. de *cata* + (ana)*phora*; ver *cata-* e *-fora*. (HOUAISS; VILLAR, 2001, p.649)

▪ Como podemos perceber, essa definição de catáfora não corresponde à definição por nós adotada, visto que ela apresenta vários equívocos, principalmente no que diz respeito a determinar o local da frase em que ocorre a catáfora e até ao que é chamado de catáfora. O que

o referido dicionário chamou de catáfora (*comer, beber e conversar*), chamamos de referente textual e chamamos de forma remissiva o elemento catafórico que nos remete ao referente textual, ou seja, a forma remissiva do exemplo citado pelo dicionário é o pronome *nisto* (em + isto).

A noção de forma remissiva ou elemento catafórico (também chamada de item coesivo ou forma referencial por alguns estudiosos), diz respeito ao fato de um elemento linguístico (pronome ou expressão) remeter a outro.

Portanto, a catáfora é um tipo de referência endofórica, ou seja, um tipo de referência interna ao texto, em que o referente é designado ou inferível depois da atualização da forma remissiva, fazendo com que o leitor, na procura por esse referente, dirija sua atenção para a continuidade do texto.

Percebemos que em dicionários e gramáticas, os autores, ao falarem da catáfora, limitam-se a dizer que a referência é endofórica e que o referente vem após o item coesivo. Abaixo seguem dois exemplos dessas abordagens:

- (1) Cumpri todas as promessas, menos esta: a de praticar atividades físicas durante as férias. (exemplo construído)
- (2) Só lhe posso dizer isto: neste mundo nada somos.

Nesses exemplos, os pronomes demonstrativos *esta* e *isto* estão sendo usados cataforicamente, visto que se referem ao que vem a seguir (a promessa de praticar atividades físicas durante as férias e a afirmação de que neste mundo nada somos).

O uso catafórico dos pronomes demonstrativos *este(s)*, *esta(s)* e *isto* é bastante comum, principalmente, porque algumas gramáticas tradicionais recomendam o uso desses pronomes para se referir ao que se vai dizer.

Essas mesmas gramáticas recomendam em relação ao que já mencionamos anteriormente no texto, o uso dos pronomes *esse(s)*, *essa(s)* e *isso*. Vejamos:

- (3) Canetas, lápis e gizos: foram essas as mercadorias que chegaram.
- (4) Natação, equitação e volibol [sic]: são essas as modalidades de esporte que aqui se praticam.
- (5) Fugir aos problemas? Isso não é de meu feitio.²

² Os exemplos 2, 3, 4 e 5 foram extraídos de SACCONI, L.A. **Gramática Essencial Ilustrada**, 18. ed. São Paulo: Atual, 1999. p. 174 - 175.

Com esta pesquisa, verificamos que não somente os pronomes demonstrativos *este(s)*, *esta(s)* e *isto* são usados cataforicamente, ou seja, os pronomes *esse(s)*, *essa(s)* e *isso* e até *aquela(s)*, *aquela(s)* e *aquilo* podem também ser usados como catafóricos, o que mostra que os falantes, mesmo na escrita com registro formal, nem sempre atendem às recomendações da gramática normativa.

Uma das exceções em relação à recomendação de uso dos pronomes demonstrativos é a do gramático Evanildo Bechara que afirma: “no discurso, quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora), emprega *este* (e flexões)” (BECHARA 2006, p. 158) e exemplifica:

Entrou Calisto na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fora vestir-se de calça mais cordata em cor e feitio. Não me acoimem de arquivista de insignificâncias. *Este* pormenor (isto é: o pormenor a que fiz referência) das calças prende mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda.” [CBr]

“Se não existisse Ifigênia... acudiu Calisto. Já *este* nome (i.e.: o nome que proferi) me soava docemente quando, na minha mocidade, pela angústia da filha de Agamenão, cujo sacrificio o oráculo de Áulida desmandava.

Ah, também eu conheço *essas* angústias (i.e.: aquelas a que se refere) da tragédia de Racine. [CBr] (BECHARA 2006, p. 158)

Em relação à noção de espaço dos demonstrativos referidos, Bechara afirma que “estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação” (BECHARA 2006, p. 157). Por isso, segundo ele, há exemplos de bons escritores que contrariam os princípios examinados.

Diferentemente de outros gramáticos, este estudioso reconhece que há situações embaraçosas em relação ao emprego do demonstrativo anafórico ou catafórico. Ele comenta alguns casos como, por exemplo, o que ocorre “nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1ª pessoa ou ao tempo em que se fala” (BECHARA, 2006, p.159). Segundo ele, nestas situações, prevalece, em geral, a preferência para nossas próprias palavras, ou seja, aparece, assim, o pronome *este* (e flexões) em lugar de *esse* (e flexões).

Continuando nossas reflexões sobre a catáfora, examinemos um trecho extraído de uma matéria publicada na Revista Veja de 27/10/1999:

(6) Onde tudo começou

Descobertas arqueológicas revelam a importância da civilização egípcia para o Ocidente e a egiptomania volta à moda

Eliana Simonetti

O pronome indefinido *tudo* do título do texto é um elemento catafórico, tendo em vista que só saberemos a que ele se refere (o que é que começou) se dermos continuidade à leitura do texto, ou seja, parece-nos que é uma forma de *encapsulamento* do todo que vai ser narrado a seguir.

Para Cavalcante (2003 apud CUNHA LIMA, 2004, p. 91), o vocábulo encapsular “consiste em resumir proposições, empacotando-as numa expressão referencial [...]”. Essa autora, ao falar do encapsulamento, refere-se à anáfora. Pensamos, porém, que tal termo pode servir também aos estudos da catáfora, visto que o referente não está localizado em apenas um item lexical ou elemento linguístico, mas no todo que será narrado. É isso que ocorre no exemplo 6, com o pronome indefinido *tudo*. Parece-nos que com esse pronome faz-se um encapsulamento de todas as informações que aparecerão na parte subsequente do texto.

O uso catafórico parece ser bastante comum em títulos de matérias jornalísticas, em títulos de livros, sinopses de filmes e em algumas narrativas. Ao folhearmos um jornal, por exemplo, é comum encontrarmos títulos (manchetes) como a apresentada a seguir, extraída do jornal Folha de São Paulo, de 04/07/2008:

(7) Olha ele aí

Quando cheguei ao Palácio do Planalto, **o famoso Dragão da Inflação** estava no gabinete presidencial, refestelado na larga cadeira de couro vermelho, com “olhos de tigre e corpo de serpente”. (grifo nosso)

Esse fragmento é parte de texto publicado na coluna dos editoriais, gêneros da ordem do argumentar, de acordo com a proposta de agrupamentos de Schneuwly & Dolz (2004). Ao lermos a manchete, não podemos nem imaginar a que esse “ele” está se referindo, podendo ser um objeto, um animal ou uma pessoa do sexo masculino. É preciso ler todo o texto ou parte dele, para entendermos o sentido do “ele”. No texto em questão, cujo autor é José Sarney, o pronome pessoal do caso reto, *ele*, refere-se, na verdade, *ao famoso dragão da Inflação*.

Ressaltamos que Milner (2003, p.111), ao refletir sobre a referência e correferência, especialmente no que diz respeito à anáfora, fala da referência real e da referência virtual. Ele afirma que as unidades dotadas de referência real são de dois tipos:

[...] de um lado, os grupos nominais constituídos de unidades lexicais; de outro, os pronomes. Os primeiros, pelo simples fato de conterem unidades lexicais particulares, têm uma referência virtual própria, composta, podendo ser seguida de modos diversos, das referências virtuais de cada unidade lexical particular. Os segundos, pondo de lado os pronomes de diálogo, ligados à enunciação, não têm referência virtual própria. Eles são, todavia, dotados de uma referência real: a única dificuldade é que, por si mesmo, eles não

permitem determinar a que condições deve responder um segmento da realidade para constituir essa referência real.

Essa citação reforça a análise do exemplo (7), visto que o pronome “ele” tomado isoladamente carece de referência virtual; tem referência real, mas é indeterminável se levarmos em conta somente o título do texto.

Reproduzimos, abaixo, para exemplificação, o primeiro parágrafo de outro texto também publicado na página dos editoriais da Folha de São Paulo de 09/04/2008, cujo título é *Chacrinha a bordo*, de Ruy Castro:

(8) RIO DE JANEIRO – Pronto. As operadoras venceram e eles, finalmente, chegaram ao último reduto: o interior dos aviões. Refiro-me **aos telefones celulares**. Os jornais deram ontem: o uso dos celulares foi liberado durante os vôos no espaço aéreo europeu. Com isso, podemos apostar que, em breve, a novidade se estenderá também ao nosso lindo céu azul. (grifo nosso)

Nesse exemplo, mais uma vez, o pronome pessoal “eles” é atualizado no início do texto, sem menção prévia de um antecedente. É preciso, portanto, continuar a leitura para sabermos de quem ou de que o autor está falando. Descobrimos, então, que se trata dos telefones celulares. Entendemos que a catáfora, nessa situação, tem um objetivo a mais do que apenas referenciar, como já dissemos anteriormente, pois se o autor do texto, ao invés de usar “eles”, usasse os *telefones celulares*, teria um outro efeito. Pensamos que esse uso é proposital, um recurso linguístico para prender a atenção do leitor, fazer com que ele leia o texto, mesmo que seja por curiosidade.

Bentes (2001), ao discutir o uso do pronome *eles* em situação semelhante, afirma que o locutor inicia o texto com uma estratégia de suspense. No título do texto analisado pela pesquisadora, *Quem são eles*, o locutor anuncia que falará sobre algumas pessoas, mas não as identifica de imediato. Assim, o pronome “eles” é mobilizado para iniciar a construção do referente textual.

No texto, *Chacrinha a bordo*, o locutor também mobiliza o pronome *eles*, não no título, mas na primeira oração do texto. Assim como Bentes, cremos que, ao usar uma estratégia diferente para iniciar o texto, ou seja, não introduzindo o referente textual por meio de expressões nominais definidas (os telefones celulares), o editorialista está utilizando o recurso da pronominalização como uma estratégia diferente para prender a atenção do leitor, uma forma de fazer suspense. Concordamos com Bentes quando ela afirma que esse mecanismo de coesão

referencial não é utilizado ingenuamente, “está a serviço dos objetivos do locutor no momento da produção de seu texto” (BENTES 2001, p. 279).

3. Os títulos de textos

3.1 A relação título e catáfora

Halliday & Hasan afirmam que “the interpretation of an implicit device is said to be exophoric when the source for its interpretation lies outside the co-text and can only be found through an examination of the context”³ (HALLIDAY & HASAN, 1989, p.76). Os autores nos dão um exemplo, pedindo que imaginemos a seguinte situação: uma criança está batendo em algum brinquedo, fazendo, com isso, barulho. Sua mãe, enquanto isso, está tentando se concentrar na escrita de um trabalho. É bem provável que ela dirá à filha: *Stop doing that here. I'm trying to work*⁴. Os autores explicam que nenhum dos elementos linguísticos do referido enunciado pode ser interpretado a não ser pelo contexto da situação. Por isso, trata-se de referência exofórica, presente no contexto extralinguístico.

Nesse sentido, poderíamos pensar que quando um elemento catafórico aparece no título de um texto e não podemos identificar seu referente, seria, então, um caso de referência exofórica. Porém, defendemos que se podemos identificar o referente no próprio texto, a referência é endofórica, visto que não precisamos analisar o contexto da situação, basta, simplesmente, continuarmos a leitura, pois se trata de referência explícita textualmente. Para nós, portanto, o título faz parte do cotexto, não é um elemento extralinguístico ou situacional, mas, muitas vezes, atua como orientador da temática.

Por meio do *corpus*, verificamos que em muitos títulos aparecem os elementos catafóricos, principalmente os pronomes pessoais de 3ª pessoa, singular e plural. Para sabermos a que se referem esses pronomes usados cataforicamente, faz-se necessário continuarmos a leitura do texto, já que apenas pelo título não conseguiremos identificar o referente correspondente ao elemento catafórico. A seguir um exemplo, extraído do jornal Folha de São Paulo de 15/12/2008, dessa situação:

(9) Ela ainda não veio

“Sempre tive **menstruação regular**, já que tomo pílula há cinco anos. Mas, neste mês, ela ainda não veio. Sei que passei o mês todo muito nervosa, emagreci quase

³ A interpretação de um mecanismo implícito é chamado de exofórico quando o recurso para sua interpretação fica fora do cotexto e somente pode ser encontrado por meio de um exame do contexto.

⁴ Pare com isso. Eu estou tentando trabalhar. (Tradução nossa)

cinco quilos porque não comia e estou com anemia. Comecei a tomar vitaminas para estresse e remédio para micose. Será que isso influenciou? O que posso fazer?”

No título *Ela ainda não veio* aparece o pronome pessoal de 3ª pessoa do singular, *ela*. À primeira vista, talvez pensemos que o pronome se refira a uma pessoa do sexo feminino. Porém, com a leitura do texto, percebemos que o pronome *ela* se refere à menstruação, pois é a menstruação que ainda não veio. Ou seja, temos nesse título o uso de um pronome catafórico, que nos remete a algo que virá em seguida. Interessante observar, nesse exemplo, que nessa mesma oração, já no cotexto, “Mas, neste mês, ela ainda não veio”, o pronome *ela* já não está empregado cataforicamente, visto que, por meio do período anterior, sabemos que se refere à menstruação, portanto, há uma anáfora.

Outro uso, também nos títulos, nos chama a atenção. Encontramos principalmente nos textos extraídos da revista *Veja*, a seguinte situação: há o emprego de um pronome pessoal catafórico, mas aparece também, ao lado, embaixo ou acima do texto, o elemento não-verbal, ou seja, uma foto ou uma ilustração/imagem que nos ajuda a identificar a quem ou a que o elemento catafórico se refere. Vejamos um exemplo extraído da revista *Veja*, de 23/07/2008:

(10)



Ele ainda é o quarto mais querido

Quanto deve estar valendo a imagem de Ronaldo Fenômeno barrigudo e fumando para as empresas que o têm como garoto-propaganda, como AmBev, TIM e Nike? Ainda não se sabe exatamente o efeito que o desleixo do Fenômeno terá na avaliação que os brasileiros fazem dele. Mas o fato é: ele ainda vai ter de fazer muita bobagem para detonar totalmente sua imagem. Duvida? Uma pesquisa realizada em fevereiro pela TNS Sport apontava Ronaldo como o jogador de futebol preferido de 3,6% dos entrevistados. A mesma pergunta foi feita no mês passado — depois, portanto, das fenomenais aventuras com os travestis. E então 5,7% responderam “Ronaldo”, o quarto mais votado, atrás apenas de Ronaldinho Gaúcho, Kaká e Robinho.

Ronaldo: gastando o prestígio adquirido

TV GLOBÓRIFE

Figura 1. Texto revista *Veja*.

Nesse texto, o elemento catafórico é o pronome pessoal *ele*. É provável que a maioria dos leitores de *Veja* já saiba a quem o pronome se refere, mesmo sem continuar a leitura do texto, visto que, ao lado, aparece a foto do famoso jogador de futebol, Ronaldo. A imagem, nesse caso, talvez bastasse para que a maioria dos leitores tivesse certeza sobre a quem o pronome se refere. Mas a curiosidade em relação à pessoa retratada e o que vai ser dito sobre ela, faz com o leitor prossiga a leitura do texto. O emprego do pronome *ele*, nesse exemplo, é catafórico e a função da imagem pode ser a de auxiliar na compreensão imediata da informação veiculada no título, visto que os leitores, ou pelo menos alguns, podem associar o elemento linguístico, nesse caso o pronome pessoal *ele*, à imagem que acompanha o texto.

Também é comum encontrarmos usos semelhantes, com personalidades menos conhecidas, pelos menos em determinadas regiões do nosso país. Observemos o exemplo a seguir, extraído da revista *Veja*, de 01/10/2008:

(11)



EU SOU VOCÊ AMANHÃ As candidatas têm perfil parecido. Manuela d'Ávila (ao lado) é do PCdoB, o partido que lançou a bela e petista Maria do Rosário

Elas contra ele

Três mulheres enfrentam Fogaça em Porto Alegre

ELEIÇÕES MUNICIPAIS 2008 CONFIRMA

No primeiro turno, a verdadeira refrega em Porto Alegre se dá no campo feminino. Três candidatas de perfil semelhante disputam uma vaga no segundo turno contra o prefeito José Fogaça, do PMDB, à frente nas pesquisas. Elas são esquerdistas, deputadas e reverenciadas como musas de sua agremiação. A bela Maria do Rosário, do PT, está em segundo lugar, empatada com Manuela d'Ávila, uma espécie de Maria do Rosário catorze anos mais nova. Como a petista, Manuela ganhou fama no movimento estudantil e obteve seu primeiro mandato de vereadora pelo PCdoB. A diferença

é que Maria do Rosário trocou de partido depois que foi eleita. Manuela continua lá, mas adotou um comunismo desbotado. Até na bandeira. Em vez do clássico pavilhão, seus correligionários usam um lilás. Em quarto lugar está Luciana Genro, do PSOL, que fez escova e caprichou na maquiagem. Um de seus cabos eleitorais é o delegado Protógenes Queiroz, aquele mesmo, da grampolândia. Nesta fase da campanha, as três se atacam mutuamente e deixam Fogaça de lado. No segundo turno, o jogo mudará. Elas devem se unir e centrar sua artilharia no prefeito. Se Maria do Rosário ou Manuela forem para o segundo turno, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva aportará em Porto Alegre e tornará a vida de Fogaça ainda mais difícil. As simulações de agosto já mostravam o prefeito em empate técnico com ambas as opositoras no próximo round. ■

IGOR PAULIN

Figura 2. Texto revista *Veja*.

Nesse texto, temos os pronomes pessoais *elas* e *ele*, usados cataforicamente. Para alguns leitores, é provável que as fotos que acompanham o texto não sejam suficientes para identificar quem são as pessoas referidas com os pronomes. Nesse caso, a situação é diferente da arrolada no exemplo anterior, já que as pessoas envolvidas não são tão conhecidas e famosas como Ronaldo, *o fenômeno*. Pensamos que, nesse exemplo, o interesse do leitor é despertado pelo uso catafórico dos pronomes e continua pelo fato do leitor querer saber quem são as pessoas retratadas e o que será dito sobre elas.

Com a leitura do subtítulo e do restante do texto em questão, ficamos sabendo que o *elas* se refere a Maria do Rosário, do PT, a Manuela d'Ávila, do PCdoB, e a Luciana Genro, do PSOL. Elas eram candidatas à prefeitura, de Porto Alegre-RS à época da publicação desse texto (01/10/2008). O pronome *ele* se refere a José Fogaça, prefeito da cidade e candidato à reeleição, na mesma época. Sem a leitura da parte verbal do texto, fica difícil, para alguns leitores, compreender o título, principalmente, identificar os referentes.

Em outro exemplo, também extraído da revista *Veja*, de 03/09/2008, também notamos a importância da continuação da leitura, para que compreendamos o título adequadamente.

(12)

veja 3 DE SETEMBRO DE 2008

Panorama

Imagem da Semana Holofote ■ SobeDesce ■ Conversa ■ Números ■ Datas ■ Radar ■ Veja Essa



Tomara que ela acerte

Se for primeira-ministra de Israel, Tzipi Livni poderá fazer a paz com vizinhos árabes — ou apertar o botão da guerra com ataque às instalações nucleares do Irã

■ O gesto de Condoleezza Rice, a secretária de Estado americana, parecia dizer: vai com calma. Mas Tzipi Livni, atual ministra das Relações Exteriores de Israel, está com a maior pressa. Quer ser primeira-ministra, e logo. Terá sua chance no próximo dia 17, quando Ehud Olmert deixará o cargo, enxovalhado por envelopes de dinheiro que entravam em seus bolsos via empresário amigo e outras ilicitudes. Livni é a favorita para ganhar a eleição pela liderança do partido majoritário, o Kadima, e formar o novo governo. Caso se torne a primeira mulher no comando desde Golda Meir, poderá caber a ela fazer, por fim, uma paz abrangente, incluindo palestinos, Líbano e Síria. Ou apertar o botão, metafórico mas terrível, de um ataque contra as instalações nucleares do Irã (no cenário mais apocalíptico, o Irã retaliaria com mísseis e Israel responde com uma bomba atômica). Aos 50 anos, casada, dois filhos, vegetariana, fama de honesta e, na descrição de uma amiga, “150 de QI” — o que em Israel pode ser linguagem figurada ou não —, Tzipi Livni tem uma biografia que parece inventada. Com 22 anos, foi ser agente do Mossad. Agente de campo mesmo, baseada em Paris. Depois, estudou direito. Entrou para a política por intermédio do linha-duríssima Ariel Sharon e, com ele, caminhou uns poucos passos em direção ao centro. A mãe de Livni, que como o pai foi militante do Irgun, grupo sionista radical, enfrentou as críticas dos velhos colegas para os quais era anátema devolver territórios aos palestinos, como aconteceu com Gaza. Até morrer, em outubro passado, dizia a única coisa possível para uma mãe judia: “Minha filha tem sempre razão”. Tomara que tenha acertado. ■ **VILMA GRZYNSKI**

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS DE PAULO VITALE; AG. STF veja | 3 DE SETEMBRO, 2008 | 45

Figura 3. Texto revista Veja.

No título, *Tomara que ela acerte*, temos o pronome pessoal *ela* catafórico. Nesse caso, apesar da ilustração, também é necessária a continuação da leitura do texto para que entendamos a quem se refere o pronome *ela*, já que as mulheres da foto provavelmente não sejam conhecidas por todos os leitores. Nesse exemplo, acreditamos que há mais um agravante, como há duas mulheres na ilustração, a qual delas se refere o pronome? Só com a leitura do texto é possível desfazer o impasse. O *ela* se refere a Tzipi Livni, ministra das Relações Exteriores de Israel, à época da publicação do texto.

Por meio desses e de outros textos do *corpus*, constatamos que, muitas vezes, a ilustração que acompanha o texto é praticamente suficiente para identificarmos a que ou a quem o elemento catafórico se refere. Isso ocorre, quando a personalidade referenciada é famosa ou conhecida por uma infinidade de pessoas. Porém, apesar de, às vezes, a imagem ser suficiente, o interesse do leitor continua *em aberto*, visto que ele quer saber o que o texto informa sobre a personalidade. Quando, porém, a pessoa retratada não é tão conhecida, o interesse pode ser despertado, principalmente, pela estratégia que o produtor do texto usa no título. Isso vale não somente para as matérias sobre pessoas, mas também para as que tratam de qualquer assunto. O título, sem dúvida nenhuma, contribui para despertar o interesse do leitor.

Como no *corpus* encontramos uma quantidade expressiva de ocorrência da catáfora em títulos dos textos, isso nos leva a concluir que a referenciação, por meio da catáfora, também contribui para que o título fique mais interessante, despertando o interesse do leitor.

3.2 O título como estratégia

Elisa Guimarães (2006), em suas considerações sobre as partes do texto e sua integração, afirma que o título é parte componente e importante da mensagem, é um fator estratégico da articulação do texto. Ele pode desempenhar a *função factual e de chamada* e também a *função poética e expressiva*. Seu desempenho é factual, quando, resumindo as linhas fundamentais do texto, passa a desenvolver funções de natureza prática como “substituir a leitura da sinopse; auxiliar na elaboração de trabalhos de indexação, resumo e tradução; ser ponto de partida para a seriação de assuntos de catálogos dicionários; funcionar como roteiro na sequência do texto didático” (GUIMARÃES, 2006, p. 51).

Essa autora lembra o papel fundamental do título no esquema específico de notícias, e destaca as seguintes categorias da superestrutura da notícia: acontecimento principal, história, antecedentes, consequências ou expectativas. Ela explica que no discurso jornalístico, a organização do texto “condiciona-se por um princípio de relevância: os títulos, o cabeçalho e o ordenamento do texto não são cronológicos nem lógicos, mas determinados por um princípio de primazia. – os aspectos mais importantes figurando em primeiro lugar” (GUIMARÃES, 2006, p.51).

Para Guimarães (2006), alguns títulos expressam a macroestrutura. Quando são lidos, orientam a compreensão para a estrutura de relevância na apresentação das notícias. Os títulos

não são, pois, meros artifícios publicitários, mas chaves para a descodificação da mensagem, quando propostos convenientemente.

Em relação aos subtítulos, essa autora explica que eles desempenham um papel análogo ao dos títulos. Eles realçam os elementos de significação do texto e facilitam a retenção do conteúdo, como ocorre no texto de natureza didática.

Elisa Guimarães (2006) afirma que a ancoragem do texto no título pode ser processada por uma ligação anafórica. Nesse caso, o título funciona como lembrete de uma informação conhecida e remete a um elemento anterior, não enunciado no texto, mas que está presente no espírito do leitor.

A autora faz uma observação importante: o título pode estabelecer uma ligação catafórica com aquilo que se segue, induzindo a uma dada leitura do texto. Nesse caso, ele anuncia uma informação a figurar no texto, situação muito frequente, segundo a autora.

Coracini (1988) também faz considerações importantes a respeito do título. Para ela, o título é o lugar privilegiado de manifestação da subjetividade do autor, e que

redigido depois do texto, portanto, anafórico do ponto de vista da produção, o título desempenha, no processo da leitura, uma função eminentemente catafórica e, assim, ao mesmo tempo em que camufla o percurso discursivo, exerce grande influência sobre o leitor, na medida em que funciona como estímulo ou desestímulo à leitura. Nesse sentido podemos afirmar que o título desempenha uma importante função argumentativa; afinal, constitui uma estratégia a serviço das intenções do sujeito enunciatário que pretende influir sobre o leitor, interessá-lo, senão convencê-lo, numa situação real de interlocução. (CORACINI, 1988, p. 167)

Coracini afirma que, do ponto de vista da leitura, o título determina *a priori* o tipo de leitor e de leitura – rápida/lenta, atenta/superficial, afetiva/intelectual – desempenhando uma função pragmática (VIGNER, 1980 apud CORACINI, 1988). O título de uma revista, de um livro, de um filme, de um artigo, além de criar uma situação de comunicação, permite ao enunciatário atingir seu enunciatário, implicando-o pelo assunto (tema) ou pela forma de apresentação.

Segundo ela, há estratégias a serviço das intenções argumentativas do sujeito enunciatário, em relação à criação do título. Um sujeito comunicante tem determinadas intenções, ao se dirigir a um sujeito leitor, que também já terá formulado suas intenções (projetos) de leitura. “O sujeito da comunicação, no desejo de fazer coincidir os dois projetos enunciatários, se servirá de estratégias já convencionadas e aceitas e/ou criará outras” (CORACINI, 1988, p. 167). Essas estratégias dependem da ideia que o sujeito enunciatário faz

da expectativa que o enunciatório tem, quanto ao tema e à forma de abordá-lo. Dependem também do tipo de ideia que o enunciador deseja criar de si próprio no e pelo dizer e também do tipo de leitor que ele quer construir no seu texto.

Assim, o interesse despertado pelo título depende da comunidade interpretativa e do projeto de leitura, do momento e do lugar em que ocorrerá. Mas, sem dúvida,

o título desempenha papel incontestável na decisão do leitor criando suspense, suscitando interrogações, conflitos, dúvida, curiosidade que serão certamente resolvidos no texto (é ao menos o que parece ser sugerido); para tanto, o título deverá não apenas informar sobre o conteúdo da obra ou texto, mas caracterizá-lo sem, no entanto, formulá-lo por completo. (CORACINI, 1988, p.170)

Diante do exposto acerca dos títulos, parece-nos clara a ideia de que o título tem, sim, um cunho argumentativo. O produtor do texto, ao elaborar o título, tem uma intenção e vai utilizar os recursos disponíveis para atingi-la. Um desses recursos, de acordo com o que verificamos por meio de nosso *corpus*, tem sido o emprego da referência, por meio da catáfora. Fica evidente que essa estratégia muito contribui para que o título desperte a atenção do leitor, atice sua curiosidade ou mesmo instale a dúvida em seu pensamento. Esse emprego, portanto, repetimos, não é inocente.

Assim como certos autores postulam que alguns recursos retóricos, como o uso de interjeições, determinados sinais de pontuação, recursos gráficos etc., são usados para dar força argumentativa ao discurso, consideramos que o uso da catáfora também tem esse intuito. É claro que não estamos afirmando que todos os usos catafóricos se enquadram nessa situação, porém, sem dúvida, muitos deles têm sido usados com essa intenção.

O texto abaixo, extraído do jornal Folha de São Paulo, de 09/11/2008, ilustra essa situação:

(13) ELA SE ACHA

A modelo Isabella Fiorentino, 31, não era a preferida do SBT, mas levou a vaga de apresentadora do reality “Esquadrão da Moda” porque era a única entre as postulantes que tinha alguma experiência em TV – ela substituiu Ana Hickmann no extinto “Tudo a ver” (Record). Mas Fiorentino está dando trabalho à emissora. Erra muito, o que atrasa as gravações do programa, que ocorrem em locações, como lojas, e no mesmo estúdio de “Casa dos Artistas”. Ela divide o programa com o stylist Arlindo Grund. Na atração, faz comentários sobre o guarda-roupas dos participantes e dá dicas de vestuário. Ainda não há previsão de estréia.

Nesse texto, além da estratégia do uso catafórico, o produtor utiliza uma expressão (gíria) que é conhecida e usada por muitas pessoas: dizer que alguém se acha. Quando se diz que alguém *se acha*, geralmente quer-se dizer que a pessoa é esnobe, se considera melhor do que as outras pessoas etc. Se o leitor conhecer essa expressão, o que é bastante provável, construirá com facilidade o sentido, porém, continuará sem saber quem é que *está se achando*, e, isso, ele só poderá descobrir lendo todo o texto, não ficando somente com a leitura do título.

Koch e Elias (2010) também discutem a importância do título. Elas afirmam que o título é “o primeiro desencadeador de perspectivas sobre o texto, que vai servir de fio condutor para as inferências que o leitor terá de fazer.” (KOCH;ELIAS, 2010, p.90). Essas autoras esclarecem que o título, se for bem dado, prepara o leitor para o que encontrará no texto, ativa na sua memória os conhecimentos necessários para a compreensão do texto, como os *frames* e esquemas, por exemplo, e ainda, permite que o leitor faça previsões e levante hipóteses que serão testadas, confirmadas ou não, na sequência da leitura, já que há títulos despistadores, intencionalmente ou não, como os de produções de publicitários ou humoristas, principalmente.

Acreditamos que o texto seguinte, extraído do nosso *corpus*, publicado na revista *Veja*, de 11/06/2008, ilustra bem a situação apontada por Koch e Elias, no que se refere aos títulos despistadores. O título *O dele é maior que o dela* pode nos levar a imaginar que se refere ao tamanho do salto dos sapatos que Nicolas Sarkozy e Carla Bruni estão usando, se observarmos somente a imagem que acompanha o texto. Porém, com a leitura do texto, verificamos que a expressão *O dele e o dela* refere-se, na verdade, ao ego do casal. Vejamos:

(14)

Gente



O dele é maior que o dela

■ Falamos, claro, do ego (embora o salto dele também seja maior, como se vê na foto à entrada da missa de corpo presente de Yves Saint Laurent). Por causa disso, o presidente **NICOLAS SARKOZY**, todo orgulhoso, permitiu que a mulher, **CARLA BRUNI**, se abrisse. No livro *Carla e Nicolas, a Verdadeira História*, os detalhes da paixão. Conheceram-se em casa de amigos em 13 de novembro passado, foram para a cama (dela, à luz de velas) no dia seguinte. Casaram-se oitenta dias depois a conselho da ex-primeira-dama Bernadette Chirac, por conveniência protocolar. Carla elogia a inteligência do marido: “Ele tem cinco ou seis cérebros, excepcionalmente irrigados”. Não há ego que resista.

Figura 4. Texto revista *Veja*.

Portanto, o uso da catáfora no título do texto, é, sem dúvida, uma estratégia que o produtor usa para atrair a atenção do leitor e, conseqüentemente, despertar seu interesse pela leitura do texto.

Embora reconheçamos a existência do elo coesivo que, muitas vezes, há entre a imagem e o título do texto, assim como a função que a imagem pode desempenhar de acordo com a posição que ela ocupa, ou seja, antes, ao lado ou depois do texto verbal, não foi nosso objetivo analisar essa relação, já que limitamos nossa análise à parte linguística do texto.

Como pudemos perceber, a catáfora é um recurso coesivo muito utilizado pelos produtores de textos jornalísticos. Tendo em vista o grande número de ocorrências encontradas no *corpus*, acreditamos que a questão deve ser analisada e discutida nas aulas de Língua Portuguesa, no Ensino Médio e, por isso, apresentamos, a seguir, uma proposta pedagógica que poderia ser desenvolvida com alunos desse nível de ensino, nas aulas de língua materna.

4. Proposta pedagógica

Como já afirmamos anteriormente, propomos que os títulos sejam analisados e discutidos nas aulas de Língua Portuguesa, no Ensino Médio dentro de uma abordagem mais discursiva; como objetos de análise, não apenas como parte da estrutura do gênero notícia e de outros gêneros, como geralmente ocorre.

Sugerimos que o professor separe títulos de textos jornalísticos com ocorrências catafóricas. Leve-os para sala de aula e depois de separar a turma em grupos, distribua os títulos para os alunos.

Um grupo pode receber somente os títulos e o outro grupo pode receber os títulos e indicações de suporte e seção de onde os textos foram extraídos.

O professor pode pedir aos alunos que reflitam sobre os títulos e que formulem hipóteses sobre os conteúdos dos textos. Em seguida, pode pedir que responda às questões: O que sugere esse título? Que expectativas ele cria no leitor? Você ficou curioso (a) para ler o texto na íntegra?

Os grupos analisam as questões e apresentam suas conclusões. Em seguida, o professor pode distribuir os textos na íntegra para os alunos, dar um tempo para que eles os leiam e façam suas observações. Se for oportuno, podem, juntos, fazer a comparação das percepções dos dois grupos. Pode-se verificar, assim, se as informações sobre suporte e seção onde foram publicados os textos, interferem nas conclusões.

Já que o foco é a catáfora nos títulos dos textos, o professor pode pedir à turma que localize as formas remissivas catafóricas e seus respectivos referentes textuais.

Outra possibilidade de atividade é pedir que os alunos analisem os recursos utilizados pelos produtores do texto para atrair a atenção do leitor e/ou para produzir determinados efeitos de sentido.

O professor pode, ainda, pedir que os alunos criem novos títulos para os textos ou que criem novos textos para os títulos.

5. Considerações finais

Neste trabalho, fizemos o recorte de uma pesquisa maior, em que se estudou a ocorrência da catáfora em textos jornalísticos. Apresentamos parte dos resultados obtidos com a análise de textos publicados na revista *Veja* e na *Folha de S. Paulo*, nos anos de 2008 e 2009.

Nosso objetivo foi mostrar que há uma grande ocorrência desse tipo de referenciação nos títulos de textos e que esse uso não é inocente, ou seja, o produtor, ao usar esse recurso, atrai a atenção do leitor e faz com que ele prossiga com a leitura do texto.

Esclarecemos que, nos títulos dos textos, de acordo com o *corpus* de pesquisa, a categoria mais atualizada, como forma remissiva catafórica, é a dos pronomes pessoais, na terceira pessoa do singular. Neste artigo, ilustramos as ocorrências nos títulos com apenas oito exemplos extraídos do *corpus*, mas ressaltamos que identificamos um total de 80 ocorrências em todo o *corpus*.

Deixamos de registrar informações importantes, devido ao espaço, mas cremos que o que ora aqui apresentamos revelou o quanto é importante voltarmos nosso olhar de pesquisador e professor para essa parte dos textos, o título, já que ele pode aguçar o interesse do leitor, despertar sua curiosidade, instalar a dúvida em seu pensamento, entre outras possibilidades.

Referências bibliográficas

BECHARA, E. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BENTES, A. C. *Linguística Textual*. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A.C. (orgs.) **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, v.1.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 1999.

CORACINI, M. J. R. F. O título: uma unidade subjetiva: caracterização e aprendizagem. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 1, p. 167-188, jun./dez.88.

CUNHA LIMA, M. L. **Indefinido, Anáfora e Construção Textual da Referência**. 2004. 231 f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. Campinas.

GUIMARÃES, E. **A articulação do texto**. 10. ed. São Paulo; Ática, 2006.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

_____. **Language, context and text: aspectos of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**, São Paulo: Contexto, 2010.

MILNER, J. C. Reflexões sobre a referência e a correferência. In: CAVALCANTE, M.M. et al. (orgs.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 85-130.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: ROJO, Roxane e CORDEIRO, Glais Sales (trad. e org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 149-185.

MINAS GERAIS, Secretaria Estadual de Educação de. Proposta Curricular para o Ensino Médio – 2006.

Artigo recebido em: 28.02.2014

Artigo aprovado em: 02.06.2014